



Diálogos

ISSN 2177-2940



Elisa Lynch como heroína nacional no *stronismo*: Representações de gênero, domesticidade e sufragismo

<https://doi.org/10.4025/dialogos.v24i3.56669>

Natania Neres da Silva

<https://orcid.org/0000-0003-2315-016X>

Rede Ñande; Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: natania.n.silva@gmail.com

Elisa Lynch como heroína nacional no *stronismo*: Representações de gênero, domesticidade e sufragismo

Resumo: O artigo tem por objetivo analisar os usos e apropriações políticas de Elisa Lynch, companheira do presidente paraguaio Francisco Solano López e personagem importante na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Episódio central da História do Paraguai, a Guerra e seus principais personagens foram exaustivamente estudados. Com Lynch não foi diferente: sua trajetória foi reconstruída em diversas obras biográficas. Caracterizada, ao final do conflito, como uma mulher vil e manipuladora, no século XX, durante o *stronismo*, Elisa Lynch foi alçada ao posto de heroína nacional, junto ao seu companheiro. Esta pesquisa reflete sobre os possíveis interesses políticos por trás dessa reabilitação.

Palavras-chave: Elisa Lynch; Biografias; Relações de gênero; Usos políticos do passado.

Elisa Lynch as a national heroine in *stronism*: Gender representations, domesticity, and suffragism

Abstract: The article aims to analyze the political uses of Elisa Lynch, who had an affective relationship with the Paraguayan president Francisco Solano López and was an important character in the Triple Alliance War (1864-1870). A central episode in the History of Paraguay, the war and its main characters were thoroughly studied. It was not different with Lynch: her trajectory was reconstructed in several biographical works. Characterized, at the end of the conflict, as a vile and manipulative woman, in the 20th century, during the Stroessner regime, Elisa Lynch was elevated as national heroine, along with her partner. This research reflects on the potential political interests behind this rehabilitation.

Key words: Elisa Lynch; Biographies; Gender relations; Political uses of the past.

Elisa Lynch como heroína nacional en el *stronismo*: representaciones de género, domesticidad y sufragismo

Resumen: El artículo tiene como objetivo analizar los usos y apropiaciones políticas de Elisa Lynch, compañera del presidente paraguayo Francisco Solano López y personaje importante en la Guerra de la Triple Alianza (1864-1870). Episodio central de la historia de Paraguay, la Guerra y sus protagonistas fueron estudiados a fondo. Con Lynch no fue diferente: su trayectoria fue reconstruida en varias obras biográficas. Caracterizada, al final del conflicto, como una mujer vil y manipuladora, en el siglo XX, durante el *stronismo*, Elisa Lynch fue elevada a la condición de heroína nacional, junto a su compañero. Esta investigación reflexiona sobre los posibles intereses políticos detrás de esta rehabilitación.

Palabras clave: Elisa Lynch; Biografías; Relaciones de género; Usos políticos del pasado.

Recebido em: 16/11/2020

Aprovado em: 13/12/2020

Introdução

A Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), que envolveu Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, é um dos temas mais estudados por historiadores do Cone Sul, porque além de remodelar as fronteiras dos países envolvidos, ocasionou rupturas políticas, instabilidade econômica e deixou um expressivo número de mortos. Por ser um ponto de inflexão na geopolítica da região, a Guerra ainda hoje é alvo de disputas e discussões entre atores políticos e sociais diversos, que procuram contrapor interpretações variadas sobre as motivações que deram origem e continuidade ao conflito.

Um dos aspectos que chama a atenção ao estudar o confronto é a grande participação das mulheres no lado paraguaio, na medida em que elas ajudaram na produção de alimentos, cuidaram dos feridos, participaram de batalhas militares no final da Guerra e algumas doaram joias para ajudar na defesa da pátria. Em uma leitura revisionista, a cooperação das paraguaias na Guerra da Tríplice Aliança foi bastante idealizada e homogeneizada, e pouco espaço foi dedicado para refletir mais detidamente sobre aquelas que não correspondiam aos estereótipos difundidos sobre a atuação das mulheres no confronto (MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, 2011). Na atualidade, entendemos que a participação das mulheres na Guerra pode ser classificada de duas maneiras básicas: as *residentas*, que acompanharam “voluntariamente” o exército paraguaio; e as *traidoras/destinadas*, castigadas pelos “crimes” políticos cometidos por seus familiares ou amigos. Muitas *traidoras* foram fuziladas depois de sofrer humilhações, torturas e estupros; as sobreviventes se tornaram *destinadas*, foram enviadas para várias localidades do interior do país e se instalaram compulsoriamente em Espadín, numa espécie de campo de confinamento construído especificamente para elas (SILVA, 2010, p. 97). Assim como outros aspectos relacionados à Guerra, a atuação das mulheres é objeto de controvérsias historiográficas, na medida em que diferentes autores têm se ocupado em especificar as formas de atuação feminina, apontando que a participação das paraguaias nem sempre foi voluntária, espontânea e homogênea (RODRIGUEZ ALCALÁ, 2011).

Dentre as mulheres que participaram da Guerra da Tríplice Aliança, aquela que certamente mais chamou a atenção de escritores e atores políticos da época foi Elisa Alicia Lynch, também conhecida como Madame Lynch. A personagem nasceu entre 1833 e 1834 na Irlanda, e se mudou ao Paraguai em 1854, pouco após conhecer Francisco Solano López durante uma viagem diplomática que o futuro presidente do Paraguai fazia à Europa. Apesar da irlandesa ter tido vários filhos com Solano López e de ter permanecido ao seu lado até a morte dele em 1870 – data que marca o final da Guerra da Tríplice Aliança –, o casal nunca chegou a oficializar um casamento.

Um dos principais motivos que explica a impossibilidade de um matrimônio entre eles é que Elisa Lynch já havia sido casada anteriormente com um militar francês (FANNING; LILLIS, 2009). Esse ponto específico da trajetória de Lynch foi um dos elementos importantes para que a alta sociedade assuncenha reprovasse a sua relação com Solano López (POTTHAST, 2011).

Elisa Lynch transgredia uma série de expectativas exigidas a uma mulher da elite e “primeira-dama”: vivia uma relação de concubinato, não podia se casar com o homem com quem se relacionava, era uma figura exógena ao seletivo núcleo da elite assuncenha e certamente não era uma mulher discreta. Vários biógrafos e historiadores afirmam que Lynch teve uma influência cultural significativa em Assunção, realizando tertúlias, bailes, influenciando na decoração de espaços públicos e incentivando a prática de esportes europeus, além do consumo de artigos de luxo importados (BARRETO VALINOTTI, 2011a). É muito difícil precisar a profundidade de sua ingerência cultural, mas é possível assumir o consenso entre os escritores em relação à ideia de que Elisa Lynch não restringia suas atenções às tarefas tradicionalmente reservadas às mulheres, como o cuidado com o lar, os filhos e o homem com quem se relacionava, dedicando-se significativamente à esfera pública. O seu grande destaque na cena pública, a sua incômoda inserção em uma elite que apenas a tolerava e sua relação íntima com o presidente e marechal paraguaio, são elementos que ajudam a explicar o confisco dos bens de Elisa Lynch no pós-Guerra e sua expulsão do país.

Como afirmou a historiadora Maria Teresa Dourado, há uma grande dificuldade para entender “como foi, realmente, a verdadeira Elisa Lynch”, porque a irlandesa se tornou uma “mulher de muitas faces”, que desperta fascínio naqueles que escrevem sobre ela (DOURADO, 2002, p. 40). Existem várias divergências entre as muitas biografias publicadas sobre Elisa Lynch, mas os biógrafos que se debruçaram sobre a personagem geralmente concordam que sua trajetória está envolta em uma série de polêmicas, ao menos desde o seu casamento. A cristalização das leituras negativas sobre ela se deu a partir de críticas de Lynch enquanto mulher, especialmente no que diz respeito à dissolução de seu casamento, à possibilidade frequentemente sugerida de que ela teria sido prostituta, à sua relação com Solano López e à sua influência nas cenas política e cultural paraguaias. As imagens negativas de Madame Lynch normalmente a colocam enquanto uma personagem que subverteu profundamente determinados padrões de conduta feminina. Seus principais defensores, por outro lado, geralmente procuram silenciar as polêmicas que a circundaram, alegando que ela só encontrou o verdadeiro amor em Solano López e que nunca teve envolvimento em questões políticas.

Sem dúvidas, Elisa Lynch é uma personagem muito interessante e que protagonizou uma longa série de escritos desde o final da Guerra da Tríplice Aliança, especialmente de romancistas e biógrafos (DIONISI, 2011). Em obras voltadas a discutir aspectos gerais e amplos sobre a Guerra

da Tríplice Aliança, alguns historiadores também dedicaram páginas à irlandesa Lynch. Esse é o caso, por exemplo, do importante estudo de Francisco Doratioto, onde o historiador a caracteriza como uma cortesã de luxo irlandesa, capaz de “agradar os homens também com conversas inteligentes” (DORATIOTO, 2002a, p. 29), a partir de um relato de viagem do jovem Robert Bontine Graham que conheceu o Paraguai em 1871, logo após a derrota paraguaia na Guerra, quando circulavam imagens extremamente críticas a respeito de Elisa Lynch no país. Em alguns trabalhos historiográficos específicos sobre a irlandesa, há a intenção de elaborar escritos que se pretendam mais verossímeis sobre a trajetória de Elisa Lynch, por meio da recusa de narrativas romaneadas sobre a personagem enquanto fontes primárias (BARRETO VALINOTTI, 2011a, p. 11). Outros escritos fazem uma revisão bibliográfica sobre Elisa Lynch (DIONISI, 2008-2009) e sobre a importância de novas perspectivas historiográficas para o entendimento da trajetória da irlandesa (FROTA, 2014).

Em linhas gerais, os historiadores acadêmicos pouco se interessaram em discutir a pretensão de objetividade das biografias de Lynch e acabam fazendo um uso acrítico dessas fontes, sem explorar as relações entre esses materiais, seus autores e os respectivos contextos de publicação. Muitos historiadores que se dedicaram a escrever sobre a curiosa personagem também atribuem a si mesmos a difícil missão de rechaçar boatos e calúnias para encontrar *verdades* sobre a trajetória de Elisa Lynch. Sobre isso, importa ressaltar, as biografias não conseguem dar conta da totalidade e da complexidade da vida de uma pessoa. Esses escritos são concebidos a partir da escolha de eventos considerados importantes na trajetória do biografado. Com base nessa escolha, o escritor procura amenizar ou excluir possíveis incoerências para costurar um fio narrativo harmônico e que possua um sentido retrospectivo e prospectivo (BOURDIEU, 2000). Como uma figura histórica a quem foi atribuída grande relevância no Paraguai, Elisa teve sua trajetória recriada artificialmente em diferentes biografias que tiveram uma circulação maior ou menor no país. Apesar da maioria dos escritos insistir que revelam a personalidade “verdadeira” de Elisa Lynch, não podemos perder de vista que as biografias sofrem uma importante interferência de seus escritores.¹

Em relação a essa interferência por parte dos biógrafos, um dos elementos que se destaca em muitas biografias são certas noções pré-concebidas a respeito dos papéis sociais atribuídos às

¹ Para este artigo, não importa debater detalhes de sua vida ou trajetória enquanto companheira do marechal López, nem é necessário discutir se Elisa Lynch foi prostituta, se amou Solano López, se teve envolvimento em sua política ou se seus feitos são suficientes para que ela seja merecidamente considerada uma heroína nacional paraguaia. Essas discussões podem ser válidas em diferentes contextos, mas também podem ser prejudiciais para o historiador que utiliza biografias enquanto fontes históricas. A respeito da utilização deste tipo de documentação, Angela de Castro Gomes nos explica que “está descartada *a priori* qualquer possibilidade de se saber “o que realmente aconteceu” (a verdade dos fatos), pois não é essa a perspectiva do registro feito” (GOMES, 2004, p. 15). Esse tipo de fonte primária tem um maior potencial de mostrar a ótica do autor sobre um determinado personagem e sobre a seleção dos acontecimentos que compõem a narrativa.

mulheres e aos homens. Em linhas gerais, os trabalhos identificam o espaço público como um território masculino, enquanto o espaço privado aparece como uma esfera específica de atuação feminina, numa concepção que se pretende natural. O gênero, em realidade, é um elemento conduzido pelas diferenças percebidas entre os sexos em momentos e situações diferentes. “Homem” e “mulher” não são categorias autoexplicativas, não possuem um significado definitivo e se reelaboram historicamente (SCOTT, 1995). Portanto, além das biografias partirem de uma concepção historiográfica própria a respeito dos papéis desempenhados por Lynch e López na história paraguaia, também partem de uma noção particular a respeito dos papéis que devem ser desempenhados por cada um dos gêneros.

Sendo assim, diante da circulação de inúmeras interpretações sobre a trajetória da irlandesa e de uma infinidade de recortes analíticos possíveis, este texto tem como objetivo discutir como se deu a construção de Madame Lynch enquanto uma heroína nacional paraguaia durante o *stronismo*. De *persona non grata* no Paraguai do pós-Guerra, Elisa Lynch foi incorporada ao cânone nacionalista do país e teve sua trajetória reelaborada com o fim de elevá-la a um modelo de conduta feminino durante o regime chefiado por Alfredo Stroessner. Essa curiosa inversão do significado atribuído à personagem será o objeto de estudo deste artigo. O texto será dividido em duas partes: em um primeiro momento, discutirei as imagens negativas que circularam a respeito dela durante e logo após o encerramento da Guerra da Tríplice Aliança; em seguida, farei uma análise de duas biografias laudatórias da irlandesa que foram publicadas durante o *stronismo*, tentando identificar possíveis interesses políticos vinculados à promoção de uma personagem tão controversa.

A polêmica Elisa Lynch na historiografia da Guerra da Tríplice Aliança

A difamação na imprensa aliada e a leitura tradicional sobre a Guerra

Quando Elisa Lynch chegou ao Paraguai, sua relação de concubinato não foi aceita pela elite assuncenha e pela família López (POTTHAST, 2011). Apesar disso, as críticas a ela parecem ter sido relativamente silenciadas por causa de sua incômoda proximidade em relação ao governo.² De outro modo, com a eclosão da Guerra, a imprensa dos países aliados voltou seus olhares repreensivos ao Paraguai e ao casal Lynch e Lopez, fazendo um uso estratégico das polêmicas que

² Não foi possível localizar nenhum material crítico a Elisa Lynch que tenha sido publicado no Paraguai antes da Guerra.

rondavam a personagem como uma maneira de depreciar o inimigo.³ A imprensa liberal argentina, por exemplo, difundiu uma caracterização muito negativa do Paraguai, convertendo-o em um país bárbaro, em contraposição ao ideal de uma Argentina civilizada. As representações do povo paraguaio, do seu líder e também de Elisa Lynch, enfatizavam o atraso do país, a tirania e a barbárie de López (BARATTA, 2014) e a imoralidade da irlandesa.

Um exemplo representativo das imagens veiculadas sobre o casal é a charge abaixo, que foi publicada em 1865 no jornal argentino *El Mosquito*. Na imagem, podemos observar três soldados paraguaios dentro de um balão de ar quente, cujo envelope é representado pelo vestido de Elisa Lynch. Segurando uma luneta, ela aponta à leste, como se indicasse uma direção. Na parte inferior à direita da imagem é possível ver soldados e canhões, envoltos em uma grande nuvem de poeira. Lynch indica o caminho para a Guerra. Por debaixo de seu vestido, três soldados olham sem pudores para cima. No solo, López aparece irritado com os soldados. E a charge vem acompanhada de uma fala atribuída ao presidente: “O que estão fazendo? Pedi para vocês olharem as estrelas? Olhem para o acampamento inimigo, senão eu solto a corda!”. Elisa Lynch é retratada de forma licenciosa, o marechal paraguaio é representado de forma caricata e os soldados não respeitam as suas ordens.



Figura 1 - Charge publicada no jornal argentino *El Mosquito* em 1865 (FANNING; LILLIS, 2009).

³ Dentre essas publicações é possível o jornal carioca *Semana Illustrada* e o periódico argentino *La Tribuna*. Após a Guerra, também surgiu uma imprensa muito crítica ao governo de López no Paraguai, como é o caso do jornal *La Regeneración*.

Apesar de possuírem particularidades, os periódicos brasileiros e argentinos que acompanharam os desenlaces do confronto tiveram uma majoritária adesão ao discurso oficial, que desvalorizava Solano López, Elisa Lynch, o Paraguai e seu exército (BREZZO, 2003). Em periódicos brasileiros, por exemplo, Elisa também é representada de forma hostil, além de ser responsabilizada pelo confronto, na medida em que supostamente influenciava o presidente paraguaio a prolongar a Guerra (SILVEIRA, 2003).

Com a morte de Solano López e a derrota paraguaia na Guerra, tornou-se ainda mais conveniente responsabilizar o governo paraguaio pelo desencadeamento e desdobramentos do conflito armado. Num período em que era necessário reconstituir o Estado paraguaio através de atores políticos diversos, o cimento ideológico utilizado para conciliar a nova classe política foi a atribuição de toda a responsabilidade sobre o confronto armado às supostas tirania e ambição de Solano López e de Madame Lynch (CAPDEVILA, 2010).

Diferente de López, Elisa Lynch sobreviveu ao confronto junto de parte de seus filhos e chegou a escrever um texto enérgico denominado *Exposición y Protesta* (1875) para defender as motivações paraguaias na Guerra e exigir a devolução de todos os seus bens confiscados pelo governo (LYNCH, 1875), mas não obteve o sucesso que esperava e foi obrigada a se retirar do país (FANNING; LILLIS, 2009). O texto foi o último, e talvez o único, esforço expressivo de Elisa Lynch em sua autodefesa. Após a publicação, a personagem regressou à Europa, onde permaneceu até falecer na França em 1886 (DORATIOTO, 2002a, p. 83). Nas décadas seguintes, a interpretação tradicional sobre a Guerra da Tríplice Aliança continuou preponderante nos países envolvidos no confronto.

O avanço do revisionismo e as tensões entre o público e o privado

Apesar do texto de Elisa Lynch pretender defender a motivação paraguaia na Guerra da Tríplice Aliança, uma leitura revisionista sobre o confronto só foi surgir e ganhar corpo no Paraguai no início do século XX. De forma ainda dissidente, alguns setores tentaram criar uma “nova consciência histórica”, baseada na valorização da Primeira República Paraguaia (1811–1870) e na glorificação do heroísmo paraguaio na Guerra. O confronto passou a ser interpretado como uma desastrosa consequência dos anseios anexionistas do Brasil e da Argentina sobre o Paraguai (DORATIOTO, 2002b), a derrota do país também começou a ser entendida como o fim de uma “época de ouro” e o início da época liberal, “caracterizada pela rendição, a humilhação e a traição” (LAMBERT, 2013, p. 348).

A leitura revisionista sobre o passado, aos poucos, foi se convertendo em um discurso *lopista* que começou a figurar como um nacionalismo hegemônico a partir da Guerra do Chaco (1932–1935), enraizando-se ao Partido Colorado a partir da Guerra Civil de 1947, atingindo seu ápice durante o *stronismo* (1954–1989) (LAMBERT, 2013). Profundamente instrumentalizada para justificar ou desestabilizar governos, a historiografia sobre a Guerra da Tríplice Aliança definitivamente não era e nem é dotada de neutralidade, mas um campo em disputa e permeado por intensas discussões e paixões políticas até os dias de hoje.

Em inúmeras obras revisionistas, Elisa Lynch e, principalmente, Solano López são representados enquanto heróis da nação e a narrativa inteira é construída com o simples intuito de corroborar com isso. Apesar de parecer pouco objetiva, a caracterização desmedida desses personagens não deve ser analisada como “verdadeira” ou “falsa”. É necessário, de outro modo, entender que esses materiais obedecem a critérios diferentes de uma historiografia que entendemos atualmente como profissional. A produção intelectual *lopista* tem fins persuasivos, se pretende legítima e parte de uma determinada concepção sobre a realidade que é vinculada a grupos sociais específicos (NAVARRETE, 1999). Sua “intenção era dar fé, ideais e um caminho para um povo dizimado pela guerra, para que pudesse começar a construir uma nova memória histórica” (LAMBERT, 2013, p. 350).

Diferente de Solano López, que foi convertido em um herói nacional em 1936 – logo após a Guerra do Chaco – (CAPDEVILA, 2010), a controversa Elisa Lynch continuava relegada às sombras, e as imagens críticas a seu respeito prevaleciam, a despeito do avanço do revisionismo. A personagem ainda era retratada como uma mulher gananciosa, sensual, mau-caráter, prostituída e até mesmo “histórica”, cuja influência sobre o marechal teria se desdobrado aos aspectos fundamentais de sua política (DECOUD, 1939). Essa leitura crítica tinha bastante espaço nos circuitos que defendiam a interpretação tradicional sobre a Guerra, enquanto os revisionistas dedicavam poucos esforços para refutá-la.

A suposta interferência de Elisa Lynch na política paraguaia é um dos pontos de tensão na trajetória da irlandesa e que podem nos ajudar a entender por que os revisionistas demoraram mais para dedicar alguma atenção à personagem. Para esses setores, exaltar Elisa Lynch e reconhecer sua ingerência política podia implicar em: tensionar o determinismo biológico, segundo o qual as mulheres são naturalmente orientadas a assumir a vida doméstica e um papel social mais comedido; e/ou reduzir a responsabilidade política e militar de Solano López nas decisões bélicas exaltadas pelo revisionismo, a partir da ideia de que Lynch também participava das deliberações do presidente. Apesar da óbvia conexão de Lynch com a Guerra da Tríplice Aliança, essas implicações podem ter ajudado a manter os revisionistas afastados de uma exaltação mais significativa da

personagem, uma vez que os aspectos mais conhecidos da sua trajetória demonstram que ela não se contentava com essa delimitação rígida das esferas de atuação feminina.

Além dessas incômodas perspectivas, as leituras correntes sobre a irlandesa também tinham outros agravantes que podiam dificultar a sua entrada no cânone nacionalista que se firmava no Paraguai, como elenquei anteriormente. Já durante o *stronismo* (1954-1989), por outro lado, houve uma maior abertura para o enaltecimento de outros personagens vinculados à Guerra, inclusive as mulheres paraguaias e Elisa Lynch (CAPDEVILA, 2010). Esse processo foi resultado de um aprofundamento do revisionismo, da conversão da história nacional em um assunto de Estado e de uma conjuntura histórica na qual o reconhecimento dos direitos políticos das mulheres paraguaias se impunha, uma vez que o Paraguai foi o último país da América Latina a aprovar o sufrágio feminino.

A incorporação de Elisa Lynch ao cânone nacionalista paraguaio: o enaltecimento das mulheres e as demandas sufragistas

A manutenção do regime *stronista* ao longo de trinta e cinco anos pode ser explicada através de uma série de mecanismos internos e externos ao país, formação e rompimento de alianças, negociações e intensa perseguição política (QUINTEROS; SOLER, 2017). Sem pretender exaurir este tema complexo, importa ressaltar que a Guerra da Tríplice Aliança recebeu uma atenção estatal sem precedentes no Paraguai durante o regime, e o nacionalismo *lopista* se mostrou um mecanismo eficiente de controle da sociedade civil, servindo como discurso central para mobilizar a população. A propaganda ideológica foi intensamente utilizada desde o início do governo e Alfredo Stroessner chegou a se colocar como um herdeiro político de López, considerado herói nacional máximo (LAMBERT, 2013). Ao mesmo tempo, é possível identificar não apenas o enaltecimento de líderes militares, mas também a celebração dos “heróis anônimos”, que se sacrificaram para salvar a pátria. Entre eles, foram exaltadas as *residentas* que ajudaram a defender o país “sem abdicar dos seus deveres de mães e esposas” (CAPDEVILA, 2010, p. 227 e 231).⁴

⁴ Segundo Ortolan, embora as situações de guerra fortaleçam a identidade viril masculina e a domesticidade feminina, elas também possibilitam uma maior participação das mulheres no espaço público. No caso paraguaio, a Guerra da Tríplice Aliança flexibilizou os papéis de gênero, na medida em que o esforço de guerra mobilizou a todos. Já no período pós-Guerra, houve o reforço das fronteiras de gênero, a exclusão das mulheres da cena pública e a disseminação de um discurso que pretendia disciplinar as paraguaias de acordo as conveniências ditadas pela elite, especialmente a moral burguesa europeia (ORTOLAN, 2010, p. 14-27). A interpretação revisionista sobre as *residentas* paraguaias não nega a participação pública dessas mulheres na Guerra da Tríplice Aliança, mas procura conciliá-la, tanto quanto possível, com os papéis tradicionalmente femininos.

A celebração das mulheres paraguaias que participaram da Guerra não foi um simples recurso retórico, mas uma ferramenta útil em momento em que os direitos civis e políticos das paraguaias estavam sendo insistentemente debatidos. Aprofundando o *lopismo* e instrumentalizando personagens do passado, Stroessner pretendeu vincular sua imagem à “concessão” do sufrágio feminino no Paraguai em 1961. Apesar dos paraguaios não poderem exercer seus direitos de forma plena, o regime tinha a preocupação de manter uma fachada democrática, com a realização de eleições regulares e a participação de setores moderados da oposição (NICKSON, 2010). Sendo assim, o reconhecimento das demandas sufragistas ocorreu de forma controlada e com um forte apelo aos papéis tradicionais das mulheres, constituindo em mais uma estratégia de Stroessner para conseguir apoio político.

Havia um claro reforço aos papéis de gênero tradicionais nas imagens nacionalistas sobre a Guerra: enquanto os homens eram lembrados como heróis viris e destemidos, as mulheres eram celebradas por sua abnegação (CAPDEVILA, 2010, p. 227 e 231). A exaltação de Lynch se deu em termos muito semelhantes, com um importante silenciamento de sua atuação pública e o engrandecimento da sua abnegação em relação ao seu companheiro, o marechal López, e ao Paraguai. A partir desse momento, Elisa Lynch começou a ser reconhecida como uma heroína nacional (LAMBERT, 2013, p. 26-27), tendo a sua participação na Guerra reinterpretada sob luzes mais favoráveis e nacionalistas, num diálogo profícuo com a exaltação das mulheres que acompanharam “voluntariamente” o exército paraguaio.

O esforço para a divulgação de uma imagem mais conciliatória de Elisa Lynch se deu através de diferentes iniciativas durante o *stronismo*, como a publicação de uma biografia oficial, a produção de um longa-metragem sobre a Guerra da Tríplice Aliança e até mesmo o traslado dos seus restos mortais ao Paraguai. O empenho para conduzir uma narrativa oficial sobre a história nacional e os seus personagens mais célebres foi muito grande, mas não foi suficiente para eliminar completamente possíveis versões dissidentes. Sendo assim, nas próximas páginas pretendo discutir como foi a construção de Elisa Lynch enquanto uma heroína nacional através da biografia *Madama Lynch* de Henri Pitaud, que contou com apoio governamental. Em seguida, discutirei a biografia *Madame Lynch: Evocación*, de Concepción Leyes de Cháves, que revelou, em Elisa Lynch, um paradigma para o sufragismo.

A narrativa biográfica oficial do *stronismo*

No processo de profunda instrumentalização da história nacional pelo Estado, foi publicada a primeira biografia nacionalista de Elisa Lynch em terras paraguaias em 1958, logo nos primeiros

anos do período Stroessner. Escrita pelo francês Henri Pitaud (1899–1991), *Madama Lynch* foi produzida no seio de um nacionalismo contundente e apoiada por Alfredo Stroessner, foi declarada útil às Forças Armadas, e ainda contou com o apoio de Juan O’Leary, o mais renomado autor do revisionismo paraguaio, que também era amigo pessoal de Stroessner (BREZZO, 2014). Reeditada quatro vezes⁵ em um momento em que a atividade editorial era muito restrita no país, *Madama Lynch* recebeu um grande apoio do governo e se consolidou como a biografia oficial de Elisa Lynch no *stronismo*.

Apesar de *Madama Lynch* ter sido um dos principais veículos de divulgação da interpretação nacionalista sobre a irlandesa, pouco se sabe sobre o escritor Henri Pitaud e sua trajetória, a não ser pelas informações que ele mesmo escreveu em seus livros de memórias (PITAUD, 2001). Pelas informações colhidas em um dos livros, o francês Henri Pitaud era dono e fundador do jornal *L’émancipation de paysane*, onde se queixava da baixa remuneração, das longas jornadas de trabalho e do baixo reconhecimento social do trabalho dos camponeses. Segundo ele, seu plano era internacionalizar o movimento camponês na Europa, mas a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) interrompeu seu projeto, e em 1948 ele viajou ao Paraguai em companhia de Juan O’Leary, seu grande amigo (O’LEARY, 1970).

De forma contraditória, Pitaud se identificou em seus livros como um camponês democrata, militante e que defendia a distribuição de terras, ao mesmo tempo em que escreveu e publicou uma série de obras que exaltavam o Paraguai e se alinhavam ao regime *stronista*. Além da biografia de Elisa Lynch, Pitaud também escreveu *El Mar de Palmas* (1971) e *El general Caballero* (1976), além de outros títulos em francês, como *Paraguay: terre vierge* (1950). Não foi possível identificar exatamente o que levou Henri Pitaud a seu mudar ao Paraguai e nem o motivo de sua exaltação ao país, mas é provável que a sua amizade com O’Leary tenha sido muito importante para que ele fosse acolhido pelo regime *stronista*.

De qualquer modo, *Madama Lynch* se propõe a recontar a trajetória de Elisa Lynch através de uma escolha narrativa inusitada: a biografia é narrada em primeira pessoa, ou seja, a publicação se coloca como uma autobiografia escrita por Lynch depois de sua expulsão definitiva do Paraguai. O livro é dividido em três partes, a primeira denominada “a estrangeira”, a segunda “a heroína” e, a terceira, “a exilada”. Na primeira parte, “a estrangeira”, o autor constrói a imagem de Elisa Lynch como uma mulher estrangeira que, por força do amor, adotou o Paraguai como pátria. *Madama Lynch* segue criativamente o texto *Exposición y Protesta*, aproveitando os silêncios de Elisa em relação à sua terra natal para argumentar que a personagem veio a se tornar uma verdadeira mulher

⁵ *Madama Lynch* foi editada em 1958, 1962, 1970 e 1978.

paraguaia, que já não possuía vínculos com a sua terra natal. Nesta obra, ela não se envolve em nada que diga respeito à política do marechal, e se resume a acompanhá-lo, mesmo nos piores momentos, afinal, como diz o livro: “os homens do Paraguai não têm o costume de contar às mulheres o que é dito e feito” (PITAUD, 1970, p. 115).

A construção de Elisa Lynch como uma “mulher paraguaia” abnegada é importante porque vai de encontro às ideias transmitidas sobre a irlandesa nas décadas após a Guerra da Tríplice Aliança. E mais do que isso, *Madama Lynch* teve a intenção de deslegitimar todos os escritos anteriores sobre a personagem e, segundo Juan O’Leary, estudá-la “à luz de uma crítica desapassionada, extraindo verdades do cúmulo de falsidades com a qual pretenderam desfigurá-la” (O’LEARY, 1970, p. 15). De igual modo, Pitaud também teceu elogios ao escritor revisionista, ponderando que “ninguém havia ousado dizer a verdade sobre Elisa Lynch, sepultada em vida sob uma avalanche de difamações degradantes, que pareciam definitivas” (PITAUD, 1978, p. 376). Com essas palavras, *Madama Lynch* pretendia se firmar como o primeiro livro a trazer a “verdade” sobre a trajetória da irlandesa.

Estruturada enquanto uma autobiografia elaborada nos últimos anos da vida de Lynch, Henri Pitaud constrói diálogos entre os dois personagens principais que demonstram uma excepcionalidade em ambos, por sua integridade, nacionalismo, determinação, e na medida em que eles conseguem ter clareza sobre os desdobramentos que o confronto traria para o Paraguai e a memória do seu presidente. Em um momento dramático da Guerra, quando o marechal percebe a impossibilidade de firmar um tratado de paz com a Argentina, Solano López dialoga com Lynch em tons proféticos:

— Elisa! Quando eu deixar de existir, você se lembrará e será uma testemunha para nós, os mortos... Nunca são os vencidos que escrevem a história... Para justificar sua guerra, os aliados irão me encher de injúrias... Dirão que terão livrado o Paraguai de um tirano... Os jornalistas da Tríplice Aliança já estão fazendo isso... Elisa! Você deve ir embora do Paraguai enquanto ainda há tempo. (...)

— Solano, faz doze anos que uni a minha vida livremente a sua, para o melhor e para o pior! Aceitei tudo de antemão: a alegria, o sofrimento. Compartilhei contigo um pouco de suas tristezas... e também a sua glória... Você me deu uma vida rica.... (...) Caminharei com você nos dias sombrios da sua pátria, que também é a minha. Não, Solano! Imploro que não insista! Estarei contigo até o último dia... Te amarei até a morte... Nada... nada... irá nos separar... O seu destino será o meu. (PITAUD, 1970, p. 151)

O trecho acima reforça a interpretação revisionista sobre a Guerra da Tríplice Aliança, onde Solano López figura como um herói que resistia aos anseios do Brasil e da Argentina. A fala do paraguaio faz referência direta à interpretação tradicional sobre o conflito, onde ele apareceu como um tirano responsável pela Guerra. A resposta de Elisa à proposta dele demonstra a sua fidelidade e

abnegação ao presidente e ao Paraguai. Por sintetizar a imagem que o *stronismo* pretendeu transmitir a respeito do casal e sobre o significado da Guerra, o diálogo acima foi reproduzido em *Cerro Corá* (1978), o primeiro longa-metragem produzido inteiramente no Paraguai e com financiamento do governo Stroessner. A trama do filme é dedicada principalmente a exaltar o heroísmo paraguaio durante a Guerra da Tríplice Aliança, com uma ênfase na atuação militar do marechal López. Da mesma maneira que *Madama Lynch*, *Cerro Corá* foi utilizado pelo regime como propaganda política, um meio de difundir os ideais nacionalistas (SOUSA, 2016).

Ao longo de toda a biografia, a protagonista é apresentada como uma heroína romântica, uma mulher fiel e de amor incondicional a López e ao Paraguai, sua “pátria adotiva”. Além disso, Elisa também é retratada como uma mulher bondosa, que ajuda os pobres, cuida dos feridos e intercede pelos prisioneiros, tentando suavizar a fúria de Solano López, nos momentos mais desastrosos da Guerra. A fidelidade, altruísmo e submissão da irlandesa são absolutos no livro e isso se evidencia em diversas situações, como, por exemplo, quando Lynch descobriu sua primeira gravidez, quando Henri Pitaud mostra que ela:

Delirava de alegria. Uma mulher tem grandes poderes sobre o homem que ama! A arte das carícias que afeiçoa o amante na cumplicidade das noites... A arte de ser dona de casa, que sabe embelezar o seu entorno, dando ao homem a vaidade e a alegria de sua casa... O poder da maternidade! Talvez o maior de todos, pois a mulher dá ao homem a prova suprema de seu amor: o filho! (PITAUD, 1970, p. 54)

Os “poderes da mulher sobre o homem” se resumiam, assim, às carícias, ao cuidado com a casa e à maternidade, tarefas que Elisa assumiu naturalmente e com prazer durante todo o livro. A leitura de Pitaud sobre Elisa Lynch é muito idealizada e pode nos indicar os valores que o autor entendia que as mulheres deviam encarnar: o vínculo absoluto ao âmbito doméstico e sem qualquer envolvimento na política. Apesar desse tipo de discurso procurar se sustentar a partir de um determinismo biológico, entendemos na atualidade que as relações entre os gêneros são construídas social e historicamente (SCOTT, 1995). A solução encontrada para incorporar Elisa Lynch ao cânone nacionalista foi negar sua atuação pública e afirmar a identificação da personagem com a domesticidade.

A narração em primeira pessoa, os tons proféticos e dramáticos dos diálogos, a submissão de Lynch, a determinação e bravura de López, podem levar o leitor a entender *Madama Lynch* como uma narrativa meramente fantasiosa. Ou classificá-la, ainda, como uma biografia romanceada sobre a irlandesa. Sobre esses dois aspectos, cabe uma reflexão importante. Embora as chamadas “escritas de si” anunciem a busca por um “efeito de verdade”, tentar encontrar a *verdade* nestes materiais é um exercício que não se concretiza, porque os escritos estão plenamente vinculados à subjetividade

daquele que escreve (GOMES, 2004). Por outro lado, entender *Madama Lynch* como uma biografia romanceada também não é suficiente para diferenciar essa obra de outros empreendimentos biográficos. Para Dosse, todas as biografias são romanceadas em alguma medida, porque os escritores precisam fazer muitas escolhas narrativas, valendo-se de sua própria intuição diante de uma grande pluralidade de reconstruções possíveis. Novamente, não existe possibilidade de recuperar a totalidade de uma vida; o potencial das biografias é muito mais revelar questões a respeito do escritor e do contexto no qual ele se insere, do que a respeito do biografado em si (DOSSE, 2009).

Dando continuidade à análise de *Madama Lynch*, percebe-se que os papéis de gênero estão muito bem delimitados nesta obra: enquanto Solano López aparece como um herói viril, forte e ativo política e militarmente, Elisa é abnegada e submissa. Estabelecer e reforçar o heroísmo masculino e a abnegação feminina como formas específicas de representar a participação paraguaia na Guerra da Tríplice Aliança (CAPDEVILA, 2010) parece ter sido uma estratégia eficiente para reduzir as possibilidades de ação política das mulheres paraguaias naquele momento. Representar a “heroína nacional” como uma mulher que cultuava a domesticidade e tinha convicção dos seus “poderes” sobre o homem que amava, reafirmava os papéis de gênero e podia prevenir a radicalização do movimento sufragista que exercia pressão nacional e internacional para o reconhecimento dos direitos políticos das mulheres paraguaias.

O silenciamento da atuação pública de Lynch apareceu também em outras iniciativas de Stroessner, como por exemplo na decisão de transladar as suas cinzas, para o Paraguai. Na sepultura dela, foi construída uma estátua, na qual a personagem é representada de forma contida, em frente aos túmulos de López e Panchito — seu filho primogênito que morreu junto ao pai. Em sua lápide, foi inscrito o seguinte texto: “Homenagem do povo, governo e forças armadas da nação, à Elisa Alicia Lynch, que com abnegação acompanhou ao herói máximo da pátria, o Marechal Francisco Solano López até a sua morte em Cerro Corá.”



Figura 2 - Estátua construída em cima do túmulo de Elisa Lynch no cemitério *La Recoleta* em Assunção. Acervo pessoal.

Nas mãos da estátua foi representada uma pá, porque, afirma-se, Elisa teria sido responsável por enterrar os corpos de López e seu filho, uma vez que o exército brasileiro se recusou a sepultá-los de forma digna. Em seu texto *Exposición y Protesta* (1875), a irlandesa preferiu não se alongar nessa questão, mas afirmou que precisou sepultá-los com suas próprias mãos. Em *Madama Lynch*, por outro lado, a cena é retratada de forma mais dramática nas palavras da protagonista:

Busquei um lugar à margem do rio onde Solano caiu. Ajoelhada com meu vestido de baile, comecei a cavar a terra com as mãos... Era tão suave, posto que lhe entregava meus seres amados. Logo minhas mãos começaram a doer, o cansaço me esgotava. Minha dor feroz recarregava minhas forças. Perto da cova, de joelhos com meu vestido cheio de terra, arrancava um punhado de terra atrás do outro... Raízes... Pedras. Cavar, cavar fundo para meus seres amados! Alucinada, cavava a terra com ferocidade. Da ponta dos meus dedos jorrava sangue... (PITAUD, 1970, p. 248)

Em linhas gerais, a consolidação de Elisa como heroína nacional aconteceu nesses termos, mas não significa que não existiam vozes dissidentes. Afinal de contas, ela era uma personagem muito controversa e nem o *stronismo* foi capaz de apagar completamente as polêmicas que a rodeavam. Um dos exemplos que podem ser oferecidos nesse sentido é a recusa da Igreja Católica em aceitar que o governo colocasse os restos mortais dela no “Panteão Nacional dos Heróis”, localizado no centro de Assunção. Esse monumento é um importante lugar de memória, onde os

restos mortais dos “heróis” nacionais estão depositados, como é o caso de Solano López. Como o monumento também tem fins religiosos, a Igreja não aceitou que as cinzas de uma mulher “adúltera” fossem levadas para lá, daí a ideia de construir uma sepultura para ela (FANNING; LILLIS, 2009). Em realidade, essa questão continua pendente e existem iniciativas recentes para transladar as cinzas de Lynch ao Panteão e outorgar a ela a nacionalidade paraguaia *post mortem* como uma forma de “fazer justiça”, dado o seu papel de destaque na história do país (EL NACIONAL, 2020).

Como venho insistindo, a tentativa de inserir Elisa Lynch no cânone nacionalista paraguaio durante o *stronismo* parece ter relação direta com a necessidade de reconhecer os direitos políticos das paraguaias. A exaltação da irlandesa não se restringiu às iniciativas oficiais, mas também veio a público através da biografia *Madame Lynch: Evocación* publicada em 1957 em Buenos Aires pela escritora paraguaia María Concepción Leyes de Cháves. Como veremos a seguir, a escritora traz uma leitura nacionalista sobre a história paraguaia, valoriza o governo de López e enaltece Elisa Lynch, porém sem silenciar as polêmicas que rodeiam os personagens. Engajada no reconhecimento do sufrágio feminino, Leyes de Cháves relacionou Elisa ao movimento de forma bastante original.

Elisa Lynch como paradigma no sufragismo

A biografia *Madame Lynch: Evocación* (1957), é um exemplo interessante e pertinente de uma leitura dissidente e, ao mesmo tempo, enaltecedora de Elisa Lynch. A autora Maria Concepción Leyes de Cháves foi uma das poucas mulheres paraguaias da época que conseguiu ter notoriedade internacional como representante da literatura paraguaia (BARRETO VALINOTTI, 2011b). Por sua dedicação à luta pelo reconhecimento do sufrágio feminino no Paraguai, Leyes de Cháves chegou até mesmo a ser presidente da Comissão Interamericana de Mulheres (1953-1957), uma entidade vinculada à Organização dos Estados Americanos, cuja meta era alcançar o sufrágio feminino em todos os países da América.

O movimento sufragista paraguaio remete ao início do século XX, com o engajamento de algumas figuras públicas na defesa da igualdade dos direitos políticos entre homens e mulheres. Até meados do século, foram fundadas diversas organizações feministas no país voltadas especificamente à luta pelo sufrágio feminino (SOTO, 2011). Além de já existir uma pressão interna, o discurso democrático e liberal que circulava após a Segunda Guerra Mundial e o trabalho hemisférico da Comissão Interamericana de Mulheres, levaram a um convênio pan-americano em 1948, no qual os países signatários se comprometeram a estabelecer a igualdade jurídica e política entre homens e mulheres. O Paraguai ratificou o convênio em 1951, no mesmo ano em que surgiu

uma importante associação denominada *Liga Paraguaya Pro Derechos de la Mujer*, da qual Leyes de Cháves e outras líderes feministas foram membros. A entidade organizou encontros, conferências, programas de rádio, editou e fundou seu próprio periódico, denominado *El Feminista* (1953-1962) (POTTHAST, 2010).

O funcionamento da *Liga* e de outras “associações cidadãs” acontecia com uma atenta supervisão do governo; a proximidade desta instituição em relação ao *stronismo* foi tamanha que Ligia Mora de Stroessner, esposa do ditador, foi nomeada presidente honorária da associação (BARRETO VALINOTTI, 2013). O periódico *El Feminista* tinha um perfil conservador e entendia a inserção formal das mulheres na política como uma etapa evolutiva necessária para o progresso social; ou seja, o periódico não enxergava o feminismo de forma revolucionária (Monte de López Moreira, 2013). Isso não parece ter sido uma singularidade paraguaia, na medida em que as propostas de reformas no Código Civil de países como o Chile, a Argentina e o Uruguai na primeira metade do século XX também tinham vertente tradicional e não propunham uma mudança radical nas funções atribuídas tradicionalmente às mulheres (LAVRIN, 2005).

Apesar de Leyes de Cháves não ser uma personalidade marginalizada, as suas atividades parecem ter sido reconhecidas especialmente no nível internacional, e ela chegou a receber condecorações na Venezuela e no Brasil, e foi designada como assessora emérita da Comissão Interamericana de Mulheres em 1980 (BARRETO VALINOTTI, 2011b). Além de pertencer a uma família politicamente controversa⁶, a autora teve um engajamento importante no sufragismo e suas interpretações sobre López e Lynch não tinham uma afinidade tão profunda com as imagens divulgadas pelo governo sobre eles. Apesar da escritora também ter um apelo nacionalista em seu trabalho, as considerações anteriores podem ajudar a explicar a ausência de um apoio governamental à sua obra e a inexistência de uma edição paraguaia de seu livro durante o *stronismo*.

No começo da obra de Concepción Leyes de Cháves, há um grande descompasso entre os personagens principais. Enquanto Elisa se mostrava submissa, López era arrogante, prepotente e egoísta. Ao longo da narrativa, contudo, esse descompasso sofre transformações importantes. Esse é um dado significativo e que difere este livro da biografia discutida anteriormente, onde os personagens são concebidos de forma engessada e estática. Em *Madame Lynch: Evocación*, Solano López se atrai por Elisa durante sua viagem à Europa e a percebe como um “troféu” de sua viagem

⁶ Leyes de Cháves era mãe de Osvaldo Cháves, que se empenhou na campanha contrária ao segundo mandato de Alfredo Stroessner. Depois de ser preso, Osvaldo Cháves se exilou em Buenos Aires, onde foi membro-fundador e mentor intelectual do MOPOCO (*Movimiento Popular Colorado*), um agrupamento político formado em 1959 em oposição ao governo Stroessner (LEWIS, 1986).

ao “Velho Mundo”; apesar de ele desejar mantê-la por perto, ele tinha outras mulheres e sempre demonstrava que estava à frente da relação.

Pouco depois do casal se conhecer e se apaixonar, a escritora mostra que Elisa Lynch pediu ao paraguaio que ele lhe promettesse fidelidade, para que ela tivesse tranquilidade para ir ao Paraguai com ele. E o paraguaio respondeu: “Eu te advirto que nunca prometi nada sob juramento a nenhuma mulher — replicou López com um sorriso irônico. (...) Não posso me comprometer a nada. (...) A única coisa que te posso assegurar é que meu coração não está cansado.” (LEYES DE CHÁVES, 1960, p. 73)

Apesar de Solano não se comprometer a nada, ela acabou decidindo viajar com ele, por entender que não conseguiria o seu comprometimento. Ao chegar ao Paraguai, Elisa passou a sofrer com a infidelidade dele e com as hostilidades da elite assuncenha e da família López. Apesar dessa insatisfação, Lynch logo começou a ter um envolvimento crescente no meio cultural paraguaio e Leyes de Chaves acrescenta um componente surpreendente em sua narrativa: Elisa “dedicava-se à política, ao xadrez, a tudo quanto podia conduzi-la às suas metas internas e externas” (LEYES DE CHÁVES, 1960, p. 242). Ao mesmo tempo em que se interessava por política, mantinha sua fidelidade e dedicação a Solano López. De forma inédita e original, a autora conseguia inserir a controversa personagem na cena pública sem questionar seus sentimentos por López ou suas intenções no Paraguai.

Assim como Lynch sofre uma transformação na narrativa e deixa de ser totalmente submissa a López, ele também passa por modificações importantes em seu comportamento. A integração de Elisa na cena pública e seu interesse em política agradavam o paraguaio e, dessa forma: “López libertara-se pouco a pouco do conceito paraguaio de que a mulher é um simples elemento de prazer e comodidade. A inteligência e a capacidade de Elisa induziam-no a tratá-la como a um ser pensante, participante de seu próprio destino.” (LEYES DE CHÁVES, 1960, p. 261)

Na narrativa, apesar de começar a entendê-la, aos poucos, como a “um ser pensante”, López continua tendo dificuldades para confiar completamente em Lynch e continua sendo infiel. Embora Leyes de Chaves considerasse Solano López um homem extraordinário e um grande líder, a autora afirma que o rumo que a Guerra estava tomando o deixava cada vez mais triste, cansado e desanimado. Ao percebê-lo angustiado, a protagonista escutava-o, aconselhava-o, tentava animá-lo e relembrava a bravura dos soldados paraguaios. Questionando diretamente a disposição e a energia inabaláveis que os nacionalistas mais ortodoxos atribuíam ao marechal, Leyes de Chaves pondera:

Esse homem que impunha sua vontade a milhares de seres humanos achava-se condenado a ocultar dos demais seus desfalecimentos, as derrotas de sua fé. O comediante confiante na glória em público, juiz incorruptível de si mesmo, somente com Elisa compartilhava as

ideias que escondia dos demais, as suspeitas íntimas, o que o fazia ditoso, infeliz ou desconfiado (...) Se não fora por ela, com sua capacidade de escutar, sugerir e obter confidências, o que houvera sido de López nos dois anos de permanência em Paso Pucu?⁷ (LEYES DE CHÁVES, 1960, p. 307-308)

A prepotência de López se desconstrói gradualmente na biografia. A edificação de Lynch enquanto uma mulher íntegra, inteligente, que apoiava seu companheiro e ainda “dedicava-se à política” nos remete ao engajamento de Leyes de Cháves para a aprovação do sufrágio feminino no país. A escritora recolheu um exemplo do passado para criticar o “conceito paraguaio” de que as mulheres eram apenas instrumentos de deleite masculino. Igualmente, a resistência de Solano em confiar nela e aceitar seus conselhos políticos pode também ser interpretada como uma metáfora dos homens paraguaios que rechaçavam a incorporação formal das mulheres na política. Se, por um lado, a autora louva a atuação política de López e, de algum modo, perdoa-o por seu comportamento soberbo em relação à Elisa, o engajamento da escritora nos mostra que esse tipo de conduta não era mais aceitável no presente.

Diferente do que aconteceu na biografia de Pitaud, Leyes de Cháves não afirma que a irlandesa era uma mulher naturalmente abnegada ou que o Paraguai se tornou sua pátria, ela afirma que Elisa Lynch quis permanecer com Solano López por amor, mas isso não significa que ela aceitava tudo passivamente. Para além disso, e de forma inédita, a biografia explora positivamente o envolvimento da personagem na política e seus conselhos a López.

Sem o apoio do governo Stroessner, a biografia de Leyes de Cháves foi muito menos reeditada e divulgada do que aquela escrita por Henri Pitaud, que consagrou Elisa Lynch como heroína nacional através de uma imagem muito mais contida, reservada e com o silenciamento dos aspectos polêmicos de sua trajetória. Pouco depois das duas publicações, em 1961, Stroessner enviou um projeto aos deputados paraguaios para a aprovação do sufrágio feminino no país. Tanto na fala dele como na arguição dos deputados, podemos perceber um destaque aos papéis das paraguaias enquanto mães, esposas e irmãs. Apelando principalmente a uma atuação idealizada das mulheres durante a Guerra, os líderes políticos afirmaram que as paraguaias deviam ter o direito ao voto por sua bondade e altruísmo históricos. Com isso, eles olhavam o passado de forma muito conciliatória, instrumentalizavam a participação das mulheres na Guerra e silenciavam a atuação de paraguaias que lutaram durante anos pelo sufragismo, como Concepción Leyes de Cháves.

Reflexões Finais

⁷ Paso Pucu foi o quartel geral do exército paraguaio entre 1866 e 1868.

A Guerra da Tríplice Aliança é o episódio central da história e da vida política paraguaia, sendo ainda hoje evocado por atores e partidos políticos no país. Não por acaso, Solano López e Elisa Lynch, protagonistas do conflito, despertam muita atenção e interesse. Como vimos, memórias desses personagens são reivindicadas de diferentes maneiras, guardando relação com o alinhamento político e ideológico de cada autor.

Nas duas biografias apresentadas, é possível identificar estratégias distintas de uso político do passado. A primeira fortemente nacionalista, porém, escrita por um estrangeiro, procurou elevar Elisa Lynch ao panteão de heróis nacionais, do qual Solano López era o personagem principal. Afinado com os escritos revisionistas, Pitaud escreveu sobre uma Elisa Lynch romantizada, de valores morais elevados, abnegada e submissa à figura máxima do marechal López. Não por acaso, foi essa a biografia acolhida pelo governo Stroessner como referência sobre a personagem, em um momento em que as mulheres reivindicavam o direito ao voto.

Por sua vez, a biografia de Leyes de Chaves surpreende, na medida em que apresenta uma Elisa Lynch de comportamento muito distinto daquela descrita por Pitaud. Inteligente e articulada, Lynch é representada como uma mulher de muitas qualidades, com quem López poderia dividir suas aflições e pensar em estratégias para o conflito. Sua existência não é restrita aos domínios domésticos, pelo contrário, exalta-se sua participação na cena pública, enquanto agente de transformação. Aqui também se faz um uso político do passado e uma defesa pela participação das mulheres não apenas como eleitoras, como também enquanto representantes políticas.

Referências

BARATTA, Maria Victoria. Representaciones de Paraguay en Argentina durante la Guerra de la Triple Alianza, 1864–1870. *Revista SURES*, Foz do Iguaçu, v. 1 n. 4, p. 41-53, jul. 2014.

BARRETO VALINOTTI, Ana Montserrat. *Espacio de mujeres políticas: las ellas en la política paraguaya, 200 años de puertas por descubrir*. Asunción: Decidamos, 2013.

_____. *Elisa Alicia Lynch*. Asunción: El Lector, 2011a.

_____. *Mujeres que hicieron historia en el Paraguay*. Asunción: Servilibro, 2011b.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

BREZZO, Liliana M.. El historiador y el general: imposiciones y disensos en torno a la interpretación pública de la historia en Paraguay. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, França, dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.67479>

_____. “La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad”.

SILVA, Natania Neres da. Elisa Lynch como heroína nacional no *stronismo*: Representações de gênero, domesticidade e sufragismo

Diálogos, v. 7, 2003.

CAPDEVILA, Luc. *Una Guerra total: Paraguay, 1864–1870. Ensayo de historia del tiempo presente*. Buenos Aires: Editorial Sb, 2010.

DECOUD, Héctor Francisco. *Elisa Lynch de Quatrefages*. Buenos Aires: Casa editora Librería "Cervantes", J. Suárez, 1939.

DIONISI, Maria Gabriella. "Lecturas y re-lecturas de la "Madama del Paraguay": un recorrido bibliográfico". *Estudios Paraguayos*. Assunção, v. 26-27, n. 1-2, 2008-2009, p. 4.

_____. "Novelando se escribe la historia: De lo dramático a lo espectacular". In: CASAL, Juan Manuel; WHIGAM, Thomas L. (Orgs.). *Paraguay en la historia, la literatura y la memoria. II Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo*. Asunción: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, 2011.

DORATIOTO, Francisco. El nacionalismo lopizta paraguayo. *América sin nombre*, Espanha, n. 4, p. 18-22, 2002b. DOI: <https://doi.org/10.14198/AMESN2002.4>

_____. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis. A presença feminina na Guerra do Paraguai*. 2002. 131f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

FANNING, Ronan; LILLIS, Michael. *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Terceiro nome, 2009.

FROTA, Luciara Silveira de Aragão e. Elisa Alicia Lynch: A dama de aço do Paraguai. *Revista Cordis*, São Paulo, n. 12, p. 79-105, jan./jun. 2014.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LAMBERT, Peter. "El discurso nacionalista en el Paraguay: Desde lo disidente a lo hegemónico". In: CASAL, Juan Manuel; WHIGAM, Thomas L. (Org.). *Paraguay: Investigaciones de historia social y política. III Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo*. Asunción: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, 2013.

LAVRIN, Asunción. *Mujeres, feminismo y cambio social en Argentina, Chile y Uruguay (1890–1940)*. Chile: Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2005.

LEWIS, Paul H.. *Paraguay Bajo Stroessner*. México, D.F.: Fondo de Cultura Economica, 1986.

LEYES DE CHÁVES, María Concepción. *Madame Lynch. Evocação*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1960.

SILVA, Natania Neres da. Elisa Lynch como heroína nacional no *stronismo*: Representações de gênero, domesticidade e sufragismo

LYNCH, Elisa A.. *Esposición — Protesta que hace Elisa A. Lynch*. Imprenta Rural: Buenos Aires, 1875.

MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary. “Historia social y política de la mujer en el Paraguay”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGAM, Thomas L. (Orgs.), op. cit., 2011.

_____. “Los ecos de la prensa femenina en la primera mitad del siglo XX”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGAM, Thomas L. (Orgs.), op. cit., 2013.

NAVARRETE, Federico. “Las fuentes indígenas más allá de la dicotomía entre historia y mito”. *Estudios de Cultura Náhuatl*. Ciudad de México, v. 30, p. 231-256, 1999.

NICKSON, Andrew. “El Régimen de Stroessner (1954–1989)”. In: TELESKA, Ignacio (Org.). *Historia del Paraguay*. Asunción: Taurus, 2010.

O’LEARY, Juan. “Prologo”. In: PITAUD, Henri. *Madama Lynch*. 3ªed. Asunción: Editorial France-Paraguay, 1970.

ORTOLAN, Fernando Lóris. *Dócil, elegante e caridosa. Representações das mulheres paraguaias na imprensa do pós-Guerra do Paraguai (1869-1904)*. 2010. 289f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

PITAUD, Henri. “Calumniada se levantó sobre la muerte y la guerra”. *Madama Lynch*. 4ªed. Asunción: Talleres de “El Gráfico”, 1978.

_____. *Madama Lynch*. 3ªed. Asunción: Editorial France-Paraguay, 1970.

_____. *Paysan et Militant. Mes chemins sauvages, souvenirs 1921-1940*. Paris: Éditions de l’Étrave, 2001.

POTTHAST, Barbara. “La mujer en la historia del Paraguay”. In: TELESKA, Ignacio (Org), op. cit, 2010, p. 326.

_____. *¿“Paraíso de Mahoma” o “País de las Mujeres”? - El rol de la familia en la sociedad paraguaya del siglo XX*. Asunción: Fausto Ediciones, 2011.

Proponen trasladar restos de Madame Lynch al Panteón de los Héroes. *El Nacional*. Disponível em: <<https://www.elnacional.com.py/politica/2020/11/12/proponen-trasladar-restos-de-madame-lynch-al-panteon-de-los-heroes/>>. Acesso em: 12/11/2020.

QUINTEROS, Marcela Cristina; SOLER, Lorena. “O stronismo: uma gestão autoritária bem sucedida” IN: MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.). *As revoluções na América Latina Contemporânea. Entre o ciclo revolucionário e as democracias restringidas*. Maringá: UEM-PGH-História, 2017.

RODRIGUEZ ALCALÁ, Guido (Org.). *Residentas, Destinadas y Traidoras: Testimonios de Mujeres de la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2011.

SCOTT, Joan. “Gênero: Uma categoria útil para análise histórica”. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Natania Neres da. Elisa Lynch como heroína nacional no *stronismo*: Representações de gênero, domesticidade e sufragismo

SILVA, Alberto Moby Riberio da. *La noche de las kygua vera. La mujer y la reconstrucción de la identidad nacional en la posguerra de la Triple Alianza (1867–1904)*. Asunción: Intercontinental, 2010.

SILVEIRA, Mauro César. “Madame Lynch e as mulheres nos campos de batalha”. *Adesão fatal: a participação portuguesa na Guerra do Paraguai*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SOTO, Clyde. “Un hito en el camino de la ciudadanía femenina”. In: BAREIRO, Line; MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary; SOTO, Clyde (Orgs.). *Al Fin Ciudadanas, 50 años de derechos políticos de las mujeres en Paraguay*. Asunción: CDE, 2011.

SOUSA, Fábio Riberio de. Muero con mi pátria: reconstituição e monumentalização histórica da Guerra do Paraguai no cinema paraguaio. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). *150 anos após – A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: UFMS, 2016, v. 2.